

A afirmação da *petite bourgeoisie*¹ formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

The statement of a *petite bourgeoisie*: the *Sulanca* pioneers in Santa Cruz do Capibaribe-PE

Annahid Burnett²

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão para analisar a expansão do fenômeno produtivo/comercial *Sulanca*, que produziu uma elite formada pelos pioneiros nativos de Santa Cruz do Capibaribe, a qual manteve o controle econômico e político da região. Esse grupo reproduz um discurso de “nativos” e “forasteiros” para se diferenciar dos elementos exógenos às origens da *Sulanca*, os quais vieram participar da economia *sulanqueira* local *a posteriori*. Como metodologia, utilizamos principalmente, recursos da história oral de vida desses protagonistas da *Sulanca*.

Palavras-chave: *Sulanca*, nativos, forasteiros, Santa Cruz do Capibaribe.

Abstract: This paper proposes a reflection to analyze the expansion of the productive/commercial phenomenon called “*Sulanca*” which produced an

¹ Se referindo a uma classe social que é constituída de comerciantes de pequeno porte em instância político-econômica determinada pela reprodução ideológica da alta burguesia com a qual a pequena burguesia procura se identificar e se espelhar. O conceito marxista de classe social considera que a classe social é determinada não pela quantidade da riqueza, mas pela origem da renda como determinante da relação com o trabalho e com os meios de produção. Ver, a respeito, CROSSICK, & HAUPT (1998), SCASE, R. & GOFFEE, (1981); BECHHAFFER, I. & ELLIOT (1981). Segundo Lenin, classes são grandes agrupamentos de pessoas que diferem dos outros pelo lugar que elas ocupam num sistema historicamente determinado de produção social, pelas suas relações com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e conseqüentemente, pelas dimensões da divisão social da riqueza da qual se dispõe e da forma de adquiri-la. LENIN (1965, p. 421).

² Doutora de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: aburnett8@hotmail.com

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

elite formed by the native pioneers from Santa Cruz do Capibaribe, that kept the economic and political power in the region. This group reproduces a speech of "natives" and "foreigners" to differentiate themselves from aliens who came to town to participate on the *sulanca* economy afterwards. We used oral history of life as methodology.

Keywords: Sulanca, natives, aliens, Santa Cruz do Capibaribe.

Introdução

Este texto trata de observar o processo de exclusão pelo grupo de pioneiros da *Sulanca*³, transformado numa *petite bourgeoisie* com raízes rurais, a qual detém o poder econômico e político da região, em relação aos forasteiros os quais vieram participar da economia *sulanqueira*. Este fenômeno produtivo/comercial teve origem em Santa Cruz do Capibaribe, situada na Mesorregião do Agreste pernambucano, a qual é uma região intermediária entre o Litoral/Mata de clima úmido e o Sertão semiárido, onde tradicionalmente se desenvolveu a pecuária extensiva para abastecer a região metropolitana, como observa Manuel Correia de Andrade (2005), a 180 km da capital do estado, Recife. Atualmente a *Sulanca* se constitui num imenso aglomerado produtivo/comercial de artigos têxteis (roupas masculinas, femininas, infantis, de cama, mesa e banho, mosquiteiros e tudo o mais que se possa imaginar) e que atrai compradores de várias regiões do Brasil.

O fenômeno produtivo/comercial denominado *Sulanca* emergiu durante as décadas de 1950 e 1960, a partir do aproveitamento dos retalhos provenientes da indústria têxtil do Recife num primeiro movimento, e dos retalhos vindos dos rejeitos da indústria têxtil vindos de São Paulo, num segundo movimento. Esses retalhos serviam de matéria-prima para as costureiras dos sítios, as quais produziam peças de roupas e cobertas

³ O vocábulo *Sulanca* supostamente deriva das palavras *helanca*, material têxtil sintético em voga nos anos 1960 e 1970, que vinha do *Sul*. Portanto, *Sul+helanca=sulanca*. Usaremos o modo itálico em maiúsculo no texto, para nos referirmos a *Sulanca* como instituição e *sulanca* em minúsculo para designar o produto *sulanca* que ficou generalizado como um produto de feira, barato e de baixa qualidade.

emendando os retalhos para serem vendidas nas feiras livres, servindo como complementação da renda do sítio. A mão de obra era a familiar, a unidade produtiva o domicílio e a produção doméstica e artesanal. Essa unidade produtiva familiar passou para a zona urbana, onde havia luz elétrica na época, e ampliou sua produção. Esse fenômeno se expandiu formando uma rede nacional de parentesco e amizade de arranjos produtivos e comerciais diferenciados e hoje é denominado de Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco.

De acordo com a pesquisa de Rabossi (2008), existem várias versões sobre as origens da *Sulanca*. Segundo o pesquisador, a produção de *sulanca* começou em Santa Cruz do Capibaribe na década de 1950 com a confecção de colchas de retalhos. Esses retalhos e telas, no início, vinham do Recife, trazidos por comerciantes que vendiam seus produtos em Santa Cruz. Depois, com a expansão do sistema nacional de estradas e rodagens, os retalhos começaram a chegar de São Paulo, provenientes dos descartes da indústria têxtil e de confecções paulistanas. O autor observa que o primeiro nordestino que trabalhou com retalhos foi seu Otávio, que se estabeleceu em São Paulo em 1960 com um restaurante. Seus familiares passaram a enviar retalhos para Santa Cruz do Capibaribe para serem utilizados na confecção. De acordo com esta versão, os retalhos eram levados por caminhoneiros que retornavam depois de despachar sua carga e posteriormente por ônibus fretados por comerciantes denominados de sacoleiros. Observamos aqui que o resíduo virou mercadoria, deixou de ser descartado e doado e passou a ser comercializado.

O artigo *A "saga" dos retalheiros: um estudo sobre a instituição da Feira da Sulanca no Agreste pernambucano*, de Burnett (2013), observa que a feira livre nordestina se dá num circuito itinerante numa micro região. Por exemplo: a feira tradicional de Santa Cruz acontece às segundas-feiras, a de Jataúba na sexta-feira, já a de Caruaru, que foi a pioneira e é a maior, tem lugar no sábado. Dessa forma, o feirante terá diversas oportunidades de oferecer seu produto na mesma semana com pouco deslocamento, ou seja, numa distância curta, dentro da mesma região. Caruaru, como é uma cidade maior, além da feira central aos sábados, tem também as dos bairros: no domingo no bairro de São Francisco, na segunda-feira no bairro do Salgado e assim por diante. Alguns feirantes ficam somente nesse circuito municipal. Estas são as características de base da feira nordestina: improvisada, temporária e itinerante. O que os *sulanqueiros* fizeram foi

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

extrapolar esse circuito micro regional e ampliar sua área de atuação. Por exemplo: numa semana o *sulanqueiro* se deslocava para a região de Feira de Santana, na Bahia e fazia o circuito daquela região. Na outra semana ele se deslocava até a região de Barreiras, também na Bahia, e fazia as feiras da semana naquela área. Então, eles voltavam para Santa Cruz, pagavam as costureiras, se reabasteciam e saíam em busca de outro circuito de feiras. Dessa forma, o produto *sulanca* ficou conhecido pelo Nordeste afora. Verificamos também esta categoria de feirantes itinerantes denominada de *sulanqueiros*, por viajarem vendendo o produto *sulanca*, nos depoimentos das pesquisas de Sandra Alves Silva (2009); Alana Moraes (2012) e Glauce Campelo (1983). Devemos ressaltar que atualmente o termo *sulanqueiro* se refere a qualquer pessoa, a qual tenha uma atividade qualquer ligada à fabricação e comércio de *sulanca*, ou seja, que atue no universo múltiplo e diversificado no qual se tornou a *Sulanca*. Como da mesma forma, devemos ressaltar que a categoria “retalheiro” não é usada e nem reconhecida no meio da *Sulanca*. Esta categoria foi criada a partir das pesquisas dos estudiosos em migrações nordestinas em São Paulo, os quais detectaram esta categoria no contexto de industrialização e urbanização daquela cidade nas décadas de 1950 e 1960.

A *Sulanca* foi resultado dessas estratégias de reprodução social, de subsistência do grupo familiar, resultado dos costumes agrestinos dentro de um contexto socioeconômico particular. As condições físicas e tecnológicas fizeram com que esse núcleo familiar fosse transferido para a “zona urbana”, sede do município de Santa Cruz do Capibaribe e com ele seguiram os costumes do sítio. Esse modo de produção do sítio continuou sendo reproduzido, na mesma medida que foram se transformando, nessa nova atividade que se apresentou como a estratégia mais viável para assegurar a subsistência no núcleo familiar: os retalhos que representavam uma matéria-prima barata ou até gratuita, a experiência da costureira doméstica, a família como mão de obra no processo de produção de *sulanca*, o domicílio da família como unidade produtiva e os homens como vendedores itinerantes e divulgadores desse produto nas feiras livres, os *sulanqueiros*, à margem do mercado formal. Cabe ressaltar que essas estratégias de reprodução social foram instituídas à margem do mercado formal as quais refletiram os costumes, os hábitos socioeconômicos e a divisão social do trabalho, particulares desses agentes sociais agrestinos. Concluímos que esses elementos, mas principalmente, o mercado de *feiras*

livres como *locus* dessas práticas costumeiras possibilitaram a instituição desse fenômeno produtivo/comercial.

O desenvolvimento da *Sulanca*, por outro lado, sofreu uma “Grande Transformação” e essa realidade continua se metamorfoseando nos tempos atuais. A “reestruturação produtiva”, que atingiu a região a partir da década de 1990, encontrou um “terreno fértil” nesse mercado improvisado e em plena expansão, caracterizado pelas relações de trabalho informais. A região, então, começou a receber trabalhadores e empresários de outras regiões atraídos por esse mercado sem regulação formal. A feira que era “livre” começou a ser transformada e regulada mais fortemente pelas instituições estaduais e federais. As relações de trabalho mudaram e com elas: a matéria-prima, os modos de produção, os fornecedores, os clientes e, o que era “feira livre”, virou *Shopping Center*, área privatizada e controlada pela *petite bourgeoisie sulanqueira* emergente de origem rural e que detêm o controle econômico e o poder político na região.

Este artigo é resultado de uma pesquisa de doutorado sobre a instituição e desenvolvimento desse fenômeno comercial produtivo denominado *Feira da Sulanca* com origem em Santa Cruz do Capibaribe. A nossa pesquisa nos mostrou que essa experiência produziu uma elite que se autodenomina de *pioneiros nativos*, a qual detém o poder econômico e político da região. Observamos que este grupo reproduz um processo de exclusão em relação aos demais vindos de fora semelhante ao estudado por Elias e Scotson (1965), que vamos explicar mais adiante.

Metodologia

Como metodologia, recorreremos a estratégias de pesquisa baseadas centralmente na história oral de vida dos agentes sociais que compõem esse complexo comercial/produtivo. A partir do relato oral (depoimentos e entrevistas individuais livres), foi possível chegar aos valores inerentes aos sistemas sociais em que vivem esses atores sociais. Aspectos importantes da comunidade, comportamentos, valores e costumes, podem ser detectados através da história de cada protagonista.

De acordo com Bom Meihy (2005), a história oral é um recurso moderno usado na elaboração de documentos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. A história oral de vida corresponde à narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. As histórias de vida têm sido usadas com a intenção de entender a sociedade nos seus

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

aspectos íntimos e pessoais. A história oral como metodologia de trabalho científico tem sido usada na academia brasileira como herança da tradição anglo-saxã. Paul Thompson (2000), sociólogo e historiador social britânico, utiliza esta reflexão como método para sua pesquisa científica. O sujeito social, o colaborador, tem mais liberdade para narrar sua experiência pessoal. As perguntas servem simplesmente como indicativo, colocadas de forma ampla, dando maior liberdade ao sujeito para dissertar. Para conduzir as entrevistas das histórias orais de vida dos protagonistas da *Sulanca*, utilizaremos uma espécie de “linha do tempo”, possibilitando aos entrevistados “mergulhar” nas suas histórias de vida.

Referencial teórico

Norbert Elias & John L. Scotson abordaram de maneira bem ilustrativa a compreensão desses processos – o “nós” e o “eles” – através de uma reflexão sobre nossa própria posição e comportamento, os autores descrevem na obra *Estabelecidos e Outsiders* (1965), como isso funciona.

Os pesquisadores estudaram, no início dos anos 1960, uma área na periferia de uma rica cidade industrial no centro da Inglaterra. O subúrbio de Wiston Parva tinha uma população de 5000 habitantes, mas tinha suas próprias indústrias, escolas, igrejas, lojas e clubes. A Zona 1 era de classe média. A Zona 2 era de classe operária, onde a maioria das indústrias era estabelecida. A Zona 3 também era de classe proletária. Essa Zona industrial foi construída em 1880. A primeira área construída foi a Zona 2. Durante a década de 1930 e 1940, a Zona 1 foi construída como um distrito residencial com casas soltas com jardins, distantes uma das outras, desenhadas para a classe média. A Zona 3 foi construída depois numa terra desqualificada anteriormente, alegando-se ser alagada e cheia de ratos. Os apartamentos ficaram vazios por um longo período apesar dos aluguéis baixos. Logo a relação “Nós” e “Eles” foi desenvolvida entre os estabelecidos na Zona 1 e 2 e os novatos na Zona 3.

Elias & Scotson procuraram respostas para a razão e função da segregação. Inicialmente eles estudaram os fatores demográficos e de classe social, renda, trabalho e origem da população. Entretanto, eles só encontraram diferenças mínimas entre a Zona 2 e 3 e grandes diferenças entre 1 e 2. A análise da pesquisa não foi satisfatória principalmente para as Zonas 2 e 3 que tinham uma estrutura social similar vista através de fatores de classe e socioeconômicos.

De acordo com Elias & Scotson a resposta seria encontrada em outro lugar. A sua nova hipótese focou na necessidade de estudar os contatos e confrontações dos grupos, assim como as barreiras e conflitos que surgiram quando dois grupos anteriormente independentes se tornaram dependentes um do outro, ou seja, essas configurações surgiram quando culturas e valores se encontraram.

O estudo qualitativo baseado em entrevistas com os agentes sociais das organizações voluntárias, do clube da juventude e da lista dos eleitores, não produziram uma base aceitável para uma explicação do antagonismo entre as zonas. Os autores concluíram que era possível analisar e comparar áreas como essas três usando variáveis históricas, econômicas, culturais, políticas, religiosas e administrativas. No entanto, tal análise não teria uma explicação completa sobre a inclusão e exclusão, nem do processo de marginalização existente. Segundo os pesquisadores não havia diferenças significantes entre a Zona 2 e 3. A explicação tinha que ser buscada nas relações entre os habitantes das áreas – como as pessoas estabeleceram as relações através da vida quando eles jogavam juntos, iam para a escola, trabalhavam, negociavam, iam para a igreja ou se divertiam juntos. Os pesquisadores argumentaram que as formas mais elementares da vida social, desenvolvem dependência mútua e constituem a base da existência e formação da sociedade – um contrato social.

O tema central descrito por Elias & Scotson concerne diversos valores atribuídos às famílias e aos seus membros nas redes. No topo da hierarquia se encontram aqueles com um longo histórico na comunidade. O conflito era principalmente entre os velhos e os novos grupos. Os autores não se referem por velho à idade biológica, mas, a uma posição social distinta e superior. Elias & Scotson observam que o poder da estrutura só pode sobreviver se for transferido de geração para geração e se a fonte do poder for monopolizada, ficando fora do alcance de outros grupos, ou seja, a monopolização da transferência de habilidades específicas, conectadas com tabus e normas de conduta em comum que separam os grupos.

Na análise de Elias & Scotson, se estabeleceram três padrões que fortaleceram a segregação e a manutenção da estrutura social. O primeiro foi baseado na centralidade da família matriarcal, no qual a elite foi reproduzida. O segundo, nos clubes locais e redes familiares. O terceiro foi centrado em torno do “boato” e da sua função em estabelecer e apoiar a ordem social – clichês baseados em julgamentos, condenações e

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

discriminação do “Eles” – enquanto promoção do “Nós”, sempre alimentando a ordem existente. Processos de exclusão e inclusão são relacionais. Exclusão, inclusão e discursos de marginalização têm relação ao espaço e limites de normalidade. Esses limites são ou social ou espacial ou simbólico ou uma mistura de todos eles. A fixação desses limites é um processo de discussões e rearranjos contínuos.

Observamos, no caso da *Sulanca*, a reprodução dos mesmos padrões mencionados pelos autores acima, que possibilitaram e fortaleceram a formação de uma *petite bourgeoisie* a partir do grupo pioneiro. A mesma centralidade na família nuclear, responsável pela produção e comércio de *sulanca*, da qual a elite *sulanqueira* foi formada. O segundo padrão também corresponde ao que foi observado pelos pesquisadores Elias & Scotson, a formação de redes a partir de parentesco e amizades que ampliou o comércio e produção de *sulanca*. E, finalmente, observamos nos relatos dos *sulanqueiros*, culpando os forasteiros por todas as desgraças que acontecem na região, o terceiro padrão baseado nas condenações, discriminação e julgamentos, reproduzindo o discurso “Eles”, a escória, e “Nós” os pioneiros nativos, responsáveis pela prosperidade da região. As discussões sobre marginalização podem, nesta perspectiva, serem vistas como uma crise de integração e estrutura. A inclusão e exclusão sociais devem ser entendidas como processos dinâmicos evoluindo no tempo. Esses processos são relacionais, eles só podem acontecer como consequência do encontro de indivíduos e grupos. Os *Outsiders* não são excluídos no sentido absoluto, os *Outsiders* estão sempre relacionados a outros indivíduos ou sociedade. Os *Estabelecidos* e os *Outsiders* vivem numa simbiose, baseada numa configuração de poder e dependência regida pela interação social e pelas estruturas da sociedade.

Houve, então, através da expansão das atividades ligadas à *Sulanca*, a emergência e afirmação de uma *petite bourgeoisie sulanqueira* de origem rural formada pelos pioneiros, que denominaremos de os *Estabelecidos* (Elias & Scotson, 1965), os quais mantiveram o controle econômico e o poder político da região e conseqüentemente promoveram a privatização da feira. Verificamos que o produto *sulanca* a princípio se nutriu dos resíduos nos “bastidores” da indústria têxtil do Recife e de São Paulo nas décadas de 1950 a 1970, no cenário da “revolução industrial” brasileira do pós-guerra. As relações comerciais na origem eram feitas na base da confiança e do escambo. O mercado para o produto *sulanca* foi expandido a

partir dos *sulanqueiros* que viajavam para “fazer as feiras” em outros estados do Norte e Nordeste. Esse movimento dos *sulanqueiros* fez com que o produto *sulanca* se tornasse conhecido pelos rincões mais remotos do Norte e Nordeste, atraindo clientes e pessoas de fora interessadas em participar da economia da *Sulanca*, os quais denominaremos de ***Outsiders*** (Elias & Scotson, 1965).

Atualmente a região passa por um *boom* econômico principalmente centrado na renda *sulanqueira*. Este fato atraiu não só pessoas de outras regiões como também os antigos *retirantes* os quais viram nesse desenvolvimento uma chance de voltar à terra natal. Essas pessoas de fora da história da origem da *sulanca* são vistas pelos *pioneiros* como *forasteiros* apesar de já fazerem parte da economia local. Esta elite de **Estabelecidos** já se reproduz por três gerações e seus descendentes herdaram o poder passado pelos ancestrais. A exclusão é relacionada ao monopólio de habilidades e rede de contatos para comércio e distribuição adquiridos pelos *pioneiros* **Estabelecidos** do qual os ***Outsiders*** não participam por não fazerem parte da estrutura de origem.

Das fontes orais

Transcreveremos, então, algumas narrativas dos protagonistas da *Sulanca* para tentar compreender melhor o processo de exclusão reproduzido pelos *pioneiros*, os **Estabelecidos** da *Sulanca*.

Narrativa de Carlos Ribeiro, registrada em 10 de julho de 2013 pela pesquisadora Annahid Burnett.

Eu não quero meus filhos na sulanca

Meu pai nasceu no Sítio Espírito Santo pertencente ao Brejo da Madre Deus. Minha mãe nasceu no distrito do Pará, município de Santa Cruz. Meus avós vieram muito cedo pra cá. Meu avô materno é aposentado como vereador. Meu avô paterno foi vice-prefeito por dois mandatos. Meus pais já eram nascidos e vieram pra cá pra estudar. Minha vó paterna foi uma das pioneiras da sulanca. Meu avô levava queijo, carvão, algodão e farinha pra Recife e trazia mantimentos e pedaços de tecidos. Minha vó costurava os retalhos que ele trazia do Recife e fazia roupas e vendia por aqui mesmo, no meio da rua, no

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da Sulanca em Santa Cruz do Capibaribe-PE

chão. A mãe da minha esposa era professora. O pai começou a viajar pra São Paulo e trazer tecidos, na maioria retalhos, pontas de peças, lote com defeito, restos mesmo, até do tamanho 15 por 10 tinha, se aproveitava tudo e chegava aqui e fazia coberta. Minha esposa nasceu dentro dos retalhos. A mãe colocou quatro filhos no ramo de tecidos. Hoje cada um tem sua loja.

Temos quatro filhos. Eu não quero meus filhos na sulanca porque é muito pervertida. O que a gente tinha que sugar deste ramo já sugou, pra entrar hoje tá muito difícil. Muita gente de fora, da Paraíba. Um filho faz design gráfico e já atua, desenvolve logomarca. O outro pretende fazer Educação Física. A filha mais velha vai pra o Recife o ano que vem. A mais nova tem 10 anos e quer ser missionária da igreja. A gente tem apartamento em Boa Viagem. No condomínio tem uns 60 apartamentos pertencente às pessoas de Santa Cruz.

Eu fui funcionário do Banco do Brasil durante vinte anos. Entrei com 14 anos como estagiário e saí com 34 como gerente de contas, há sete anos atrás. Esta loja tem 22 anos. Quando casamos colocamos uma lojinha no Beco do Padre em 91. Eu no banco e minha esposa na loja. Quando abriu o Moda Center nós fizemos uns investimentos lá e aí minha esposa já não estava mais dando conta. Aí eu pedi pra sair do banco. Aí fiquei aqui ajudando minha esposa. Minha parte é a financeira, contábil e fiscal. Ela faz a parte comercial. Ela é muito antenada, vai duas, três vezes por ano em São Paulo, ver as tendências. Eu fiz a coisa certa na hora certa. Eu sou formado em administração de empresas. Estou me preparando pra importar da China. Meus filhos falam inglês, já passaram uns dias no Canadá. A gente compra do importador de São Paulo e Minas. Se a gente comprar direto tem mais vantagem. Fiz um curso de importação passo a passo, organizado pela FIEP. O canal junto ao SEBRAE é o CDL, principalmente no atendimento. O nosso lema é atender bem. O Moda Center foi excelente

pra nós. Peguei minha indenização do banco e comprei sete lojas, aluguei e hoje ganho mais de duas vezes o que ganhava no banco com os aluguéis. Aquilo foi uma benção, apesar das turbulências no início.

Relato bastante esclarecedor sobre os detalhes da evolução da *Sulanca*. Vemos claramente que o narrador não só faz parte da *petite bourgeoisie sulanqueira* formada pelos pioneiros nativos da cidade, como também pertence ao grupo que transformou a feira num *Shopping Center*, chamado de Moda Center. Observamos que as pessoas que não possuíam capital na época para investir no novo centro comercial hoje se encontram sujeitas aos aluguéis impostos pelos proprietários dos espaços para comércio naquele lugar. Portanto, a feira que na origem era um espaço improvisado, “livre” e público, hoje está sob o controle da elite de pioneiros. O espaço foi monopolizado pelos pioneiros, os **Estabelecidos**, deixando os **Outsiders** excluídos desse espaço de poder e sob controle da *petite bourgeoisie*.

Esses mercados improvisados, temporários e itinerantes, as *feiras livres*, que marcam a cena do Agreste, remontam aos primórdios da colonização do Agreste. A primeira *feira livre* tradicional instituída na região foi a de Caruaru, no século XVIII, quando se formou um povoado oriundo de uma fazenda que servia de paragem para os viajantes no caminho do litoral/sertão, um dos caminhos das boiadas. Depois, com a construção de uma capela nesse lugar, as pessoas começaram a se fixar em torno da igreja, constituindo um ponto de encontro para comércio e lazer nos dias de liturgia – a tradicional *Feira de Caruaru*, objeto de estudo do antropólogo caruaruense Josué Ferreira (2001).

Observamos na narrativa o estabelecimento estrutural das três gerações a partir dos pioneiros nativos da *Sulanca* de Santa Cruz, “nós”, os **Estabelecidos**, e, portanto no comando da região. Para o narrador a atividade da *Sulanca* foi “contaminada” pelos forasteiros oportunistas, “eles”, os **Outsiders** que não fazem parte do grupo que deu origem a feira. O narrador nos mostra que no topo da hierarquia estão aqueles com um longo histórico na comunidade, seus avós e pais com posição de distinção, tema central descrito por Elias & Scotson (1965).

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da Sulanca em Santa Cruz do Capibaribe-PE

Outra narrativa muito relevante ao processo de exclusão foi a entrevista com o professor e pesquisador Arnaldo Vitorino concedida à autora em 29 de março de 2013.

E a cidade hoje tá faltando água

A feira daqui, de secos e molhados, era bem movimentada, vinha gente até da Paraíba. Aqui se trabalhava muito com o extrativismo, era o caroá, o carvão. Depois começou-se a trabalhar com alpercatas, com calçados. O foco principal de Toritama era calçado. Algumas pessoas contam que um ônibus que vinha da Bahia com destino a Campina Grande errou a estrada e veio parar aqui. Quando passou viu roupa na feira, algumas pessoas vendendo roupa na feira. Aí começaram a entrar, compraram roupa na feira e foram embora. Com poucos dias chegou outro ônibus novamente. Aí o pessoal, quem tinha aquelas roupinhas, começaram a botar na entrada da cidade. Aí pegava o pessoal entrando, pra não perder muito tempo. Tem essa história, desse ônibus que tava indo pra Campina Grande e erraram o caminho. Chegaram aqui viram roupa barata e levaram. Foi aí que o pessoal começou a botar roupa na feira em dia que não era de feira, na quarta, na quinta, e aí começaram a vender essa mercadoria. Mas, aí a estrada ainda era de barro e às vezes não dava tempo de chegar aqui. Aí os mais espertos começaram a migrar pra Caruaru e vender em Caruaru. Aí, depois, Caruaru começou a aumentar a feira. Como a estrada era de barro, Toritama começou a botar banco na beira da pista pra aproveitar uma beirinha da história e cresceu também. Primeiro fizeram o asfalto pra Campina Grande e depois foi que fizeram o asfalto de Pão de Açúcar pra cá.

Mas, Santa Cruz é a fonte, a origem de tudo. O jeans de Toritama, eu acho que 80% dele é fabricado aqui. Vai pra Toritama somente pra ser pré-lavado, amaciado nas lavanderias. A fabricação e o ponto de jeans é aqui. A Santista tem uma cota de jeans pra o mercado nacional. A cota de jeans pra Pernambuco, os compradores de jeans

são daqui de Santa Cruz. Aí Toritama vem buscar o jeans aqui. O pessoal começou a ir pra fora, região do Amazonas, depois começaram a se fixar por lá, montaram loja pra lá. Eles mesmos compram a mercadoria aqui e já tem caminhão pra levar pra lá. Se chegar no Parque da feira em dia de feira, tem cinco, seis carretas, carregando para o Pará.

A intranquilidade daqui começou quando os próprios prefeitos começaram a divulgar na televisão, na rádio, nos anos oitenta, que aqui o pessoal ganhava dinheiro e ninguém era desempregado. Aí começou a chegar muita gente de fora. Aí esse pessoal de fora vinha de toda cor e qualidade, vinha de tudo. Tinha aquele que vinha pra trabalhar e tinha aquele que vinha pra roubar mesmo. Ainda hoje tem bastante. Mas aqui sempre teve essa propaganda que não tinha desemprego. Santa Cruz não tava nem aí pra seca. Era uma seca danada pelo Nordeste todo. A cidade deu um salto a partir dos anos oitenta. O açude não comportou, o consumo triplicou. Aí construíram Machado, daí a pouco não deu mais. Muita fábrica mudou pra Caruaru, Recife, porque tinha água. Aí se construiu a barragem de Carpina. Carpina servia mais de contenção de cheia no período das chuvas, hoje é pra abastecimento. Aí se construiu Jucazinho, depois se construiu a barragem de Poço Fundo e a cidade hoje tá faltando água. Tabocas tá quase seco. Houve um êxodo rural pra cidade. Quando ganharam dinheiro voltaram para o sítio de novo. Hoje tá todo mundo lá na zona rural com máquina industrial.

A narrativa reitera a origem da *Sulanca* em “nós” de Santa Cruz do Capibaribe e não em outro lugar da região, “eles” – portanto, a *Sulanca* “nos” pertence, apesar de está sendo reproduzida em outros lugares. A intranquilidade de Santa Cruz do Capibaribe começou quando “eles”, os de fora, os *Outsiders* começaram a chegar. “Nós” instituímos a *Sulanca* e “eles”, os de fora, vieram aproveitar do nosso empreendimento. “Nós”

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

conseguimos driblar a seca com uma atividade não agrícola e “eles”, os *Outsiders* vieram impactar nossos recursos naturais.

Aqui, vemos reproduzido, dentro do processo de exclusão, o terceiro padrão mencionado por Elias & Scotson (1965), o da condenação e discriminação, os *Outsiders* são os responsáveis pela nossa degradação de vida.

Outro depoimento mostrando a intranqüilidade trazida pelos de fora foi o de dona Gersina, uma das pioneiras pertencente à *petite bourgeoisie* emergente:

*Era o tempo do pano na porta
A feira daqui começa no domingo. Esse Moda Center foi muito bem abençoado. Hoje em dia quem não comprou lá no Moda Center tá arrependido. Aí foi uma benção, todas essas ruas aí era cheia de gente. Mas, aí tudo vendia nessas carçada, nesses beco, os ônibus saía daqui também. Tinha uns retalho de Deda que vinha do Recife, os outro vinha de São Paulo. Nunca parou de vim retalho do Recife, tinha umas apara quadrada, retalho bom, fazia vestido, saia, fazia tudo, emendava os retalhos. Depois eu comecei a comprar o brim de Lourinaldo e fazer short. Quando nós chegava na feira o povo já tava esperando, todo mundo. Eu já saí daqui até uma hora da madrugada. Naquele tempo eu ia sozinha, eu e Deus, nunca vi nada, tu acredita? Naquele tempo a gente deixava um pano escorado na porta, quem fosse chegando pra dormir ia entrando, escorava o pano na porta. Era o tempo do pano na porta. Era isso mesmo! Quem fosse chegando ia entrando. E hoje, Jesus misericórdia, é tudo trancado, tá demais! Aqui tinha umas cacimba no rio Capibaribe com areia fina. O sapoli era de areia fina do rio, num tinha essas coisa de detergente, não.*

A narrativa nos mostra que quando a *Sulanca* era só formada dos *pioneiros nativos* de Santa Cruz do Capibaribe, tudo era tranqüilidade e prosperidade. Agora, com a infiltração dos *forasteiros* a tranqüilidade não existe mais. A criminalidade é culpa dos *Outsiders*. Portanto, novamente

observamos no discurso da *petite bourgeoisie* que se formou a partir dos pioneiros da *Sulanca*, o terceiro padrão mencionado por Elias & Scotson (1965), aquele dos boatos.

Outra entrevistada que reafirma a origem da *Sulanca* e que os *pioneiros nativos* são de Santa Cruz e a eles pertence o poder de controle é o de dona Creusa:

Era tudo na base da confiança

Quando começou, o pessoal que fabricava não vendiam, eles repassavam a mercadoria pra os sulanqueiros que revendia nos outros estados. As costureiras faziam as roupas e entregavam aos sulanqueiros pra vender nas feiras. Na semana eles faziam a rodada em várias cidades lá que eles comercializavam a sulanca. Até hoje continua. Aí na década de 60, 70, a carregação virou sulanca. Eles ia de caminhonete, ônibus, Toyota. Não era consignado porque eles não devolviam a mercadoria que sobrava. Quando eles voltavam eles pagavam as costureiras. Era o mesmo procedimento dos tropeiros e galinheiros, era tudo na base da confiança, só pagava quando voltava. Geralmente vendia tudo, se sobrasse não devolvia.

Foi daí quando surgiu a feira. O pessoal começou a botar os bancos na feira. Minha mãe vendia um tipo de tecido chamado calandra. Eu não sei pra que o povo queria aquilo, não. Era um tipo de tecido grosseiro. Era como um tecido de algodão meio manchado. Calandra era um tipo de tecido dos retalhos. Ela vendia no peso. Banco ela só tinha de retalho, não vendia sulanca, não. Minha mãe era costureira. Mais tarde, a gente foi que botou, os filhos. Ela vendia as roupa pros sulanqueiros. Alguns desse sulanqueiros se tornaram altos comerciantes aqui de Santa Cruz.

A feira começou na rua Siqueira Campos. O pessoal começou a botar uns banquinhos, a vender nas calçadas. Depois foi se expandindo. A feira livre é na Avenida Padre Zuzinha, onde tem a igreja. A sulanca é título de Santa Cruz, começou em Santa Cruz. Outra e qualquer cidade, como Caruaru, Toritama, já vieram depois de

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

Santa Cruz. Santa Cruz foi onde começou tudo. Sulanca é de Santa Cruz, foi onde tudo começou e minha mãe foi uma das pioneiras. Eu faço parte dessa história.

Como a *feira da Sulanca* foi sendo reproduzida pela região afora, hoje os *pioneiros nativos* de Santa Cruz do Capibaribe reivindicam a criação de tal instituição. Elias & Scotson (1965) realçam que a estrutura de poder só sobrevive se for transferida de geração para geração e se a base do poder for monopolizada, mantendo-se fora do alcance de outros grupos. Ou seja, a monopolização da transferência de habilidades específicas, conectadas com tabus e normas de conduta em comum que separam os grupos.

Considerações Finais

Durante nosso trabalho de campo, observamos que os *pioneiros da Sulanca*, os que viveram aquela primeira fase do *sítio* e dos *retalhos* vindos do Recife e depois de São Paulo, são referência na cidade e estão no topo da hierarquia, com longo histórico na comunidade, com posição social distinta e superior. Estes *pioneiros* estão interligados pela sua *história de vida* e passaram sua experiência para seus descendentes, mantendo a fonte do poder no grupo pioneiro. Seus contatos, suas redes de comércio, seus fornecedores são repassados somente para os familiares e amigos, os quais também exigem a referência dos antigos, os **Estabelecidos** da *Sulanca*, como aval para futuro negócio. As pessoas de fora, que vieram trabalhar na região e aproveitar da prosperidade que o grupo de *pioneiros nativos* afirma ser o responsável, são percebidas como invasoras e aproveitadoras, por não fazerem parte da história da *Sulanca*, são forasteiros, os **Outsiders**, portanto não merecem ser incluídos no grupo distinto e devem ficar à margem do sucesso.

Referências Bibliográficas

ALVES DA SILVA, Sandra Roberta. *A juventude na Sulanca: os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte, PE*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste – Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. São Paulo: Cortez, 2005.

BURNETT, Annahid. *“Era o tempo do pano na porta”: Instituição e desenvolvimento da Feira da Sulanca dos anos de 1950 aos anos de 1980*. 2014. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba.

BURNETT, Annahid. *A “Saga” dos retalheiros: Um estudo sobre a instituição da feira da sulanca no Agreste pernambucano*. Século XXI, Revista de Ciências Sociais, v.3, n.2, p.9040, jul-dez, 2013.

CAMPELLO, Glauce Maria da Costa. *A Atividade de Confeccões e a Produção do Espaço em Santa Cruz do Capibaribe*. 1983. Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CROSSICK, Geoffrey & HAUPT, Heinz-Gerhard. *The Petite Bourgeoisie in Europe 1780-1914*. Routledge, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *The Established and the Outsiders*. Londres: Frank Cass & Co., 1965.

FERREIRA, Josué Euzébio. *Ocupação humana do Agreste pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. João Pessoa: Ideia / Caruaru: Edições Fafica, 2001.

GOMES, Sueli de Castro. *Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos*. Imaginário, USP, 2006, vol 12, nº 13. 143-169.

LENIN, V. *A Great Beginning: Heroism of the Workers in the Rear: Communist Sulbotnik's In: Collected Works*, volume 29. Moscow, 1965.

LIMA, Alexandre Santos. *“Empreendendo” a Sulanca: O SEBRAE e o Polo de Confeccões do Agreste de Pernambuco*. 2011. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba.

A afirmação da *petite bourgeoisie* formada pelos pioneiros da *Sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RABOSSI, Fernando. *En La Ruta de las Confecciones*. Revista latinoamericana de ciencias sociales, dossier la vida social de la economía, Crítica em desarrollo, nº 2 segundo semestre, 2008.

SCASE, R. & GOFFEE, R. *The real world of the small business owner*. London: Croom Helm, 1981; Bechhafer, I. & Elliot, B. *The Petite Bourgeoisie comparative studies of an uneasy stratum*. London: Macmillan, 1981.

SOUZA, Alana Moraes de. “A gente trabalha onde a gente vive” – A vida social das relações econômicas: parentesco, “conhecimento” e as estratégias econômicas no Agreste das confecções. 2012. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 228 p.

THOMPSON, Paul. *The Voice of the Past*. Oxford University Press, UK, 2000.

Fontes Orais:

RIBEIRO, Carlos. *Eu não quero meus filhos na sulanca*. Depoimento gravado e transcrito pela autora em 10 de julho de 2013 na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco.

VITORINO, Arnaldo. *E a cidade tá faltando água*. Narrativa concedida à pesquisadora em 29 de março de 2013. Santa Cruz do Capibaribe, PE.

RAMOS, Gersina. *Era o tempo do pano na porta*. Entrevista concedida em 29 de março de 2013.

ROCHA, Creusa. *Era tudo na base da confiança*. Entrevista concedida em 29 de março de 2013 em Santa Cruz do Capibaribe.

Enviado:

01.07.2014

Aprovado:

05.12.2014